

## **XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**

### **GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação**

#### **COMPORTAMENTO INFORMACIONAL COTIDIANO DE ADOLESCENTES: ACESSO**

**Nelson Sebastian Silva-Jerez**

**Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho**

**Helen de Castro Silva Casarin**

**Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho**

#### ***EVERYDAY LIFE INFORMATION BEHAVIOUR OF ADOLESCENTS: ACCESSING INFORMATION***

##### **Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral**

**Resumo:** O artigo apresenta resultados de pesquisa de mestrado. Estuda o comportamento informacional de adolescentes em seu cotidiano e identifica como eles acessam informação, proveniente ou não da Internet. Utiliza método survey com questionário disponibilizado online através da plataforma Limesurvey como ferramenta para coleta de dados. Tal questionário foi construído utilizando os preceitos da técnica do incidente crítico. Os convites para participação no estudo foram distribuídos em duas fases, primeiramente em grupos e comunidades na rede social Facebook, e posteriormente via convites pessoais em unidades de Informação, principalmente escolares. Os resultados confirmam que os respondentes utilizam a Internet como principal forma de acesso a fontes de informação. Ademais, mostram que a forma mais utilizada para o acesso à Internet foi o computador, com o telefone celular em seguida, não confirmando a hipótese de que estes últimos seriam a forma preferida de acesso à Internet (e à Informação). Tampouco confirma a hipótese de que os adolescentes utilizam significativamente outras pessoas como fonte de informação. Analisa quais são as justificativas dadas pelos respondentes para a escolha da forma de acesso. Identifica as principais motivações para o uso de diferentes formas de acesso. Encontra que há motivações diferentes para a escolha de diferentes formas de acesso. Conclui que em um futuro próximo, dadas estas diferenças nas motivações para a escolha de formas de acesso, os dispositivos portáteis do tipo smartphone se tornarão a forma de acesso à informação preferida pelos adolescentes.

**Palavras-Chave:** Comportamento Informacional Cotidiano; Adolescentes; Acesso à informação; survey online;

**Abstract:** This article showcases Master's degree research results. The everyday life information behaviour of teenagers is studied, and how they access information, either from the Internet or not, is identified. It uses the survey method using a questionnaire as the data collecting tool, which was made available online using the Limesurvey platform. The questionnaire was built following the critical incident technique. Invitations to take part in the study were distributed in two phases, first in groups and communities on Facebook, then in information units, particularly in school libraries, via personal invitation. The results confirm that the respondents use the Internet as the main form of access to information sources. Furthermore, they show the most used form of Internet access was the personal computer, followed by mobile phones, which does not confirm the hypothesis that mobile phones would be the preferred form of Internet access (and access to information). The hypothesis that teenagers significantly use other people as information sources was not confirmed. The article then analyses the justifications given for the choices of form of access. It was found that there are different motivations for the particular choice of different forms of access. The article also concludes that in the near future, given the differences in the motivations for choice of forms of access, portable devices like mobile phones will become the main form of access to information and information sources to be used by adolescents.

**Keywords:** Information Behaviour; Everyday Life Information Behaviour; teenagers; survey online; accessing information;

## 1 INTRODUÇÃO

Apresentamos neste artigo resultados provenientes de pesquisa sobre o comportamento informacional cotidiano de adolescentes, dentro de uma abordagem exploratória e descritiva, no contexto do chamado *Everyday Life Information Behaviour*, especificamente os resultados que dizem respeito ao acesso à informação por parte dos participantes. Entendemos que este tema é relevante por se tratar de um setor demográfico cada vez mais em evidência, e que não tem sido estudado o suficiente no campo do Comportamento Informacional, como mostraremos a seguir.

O objetivo principal deste estudo era caracterizar o comportamento informacional de adolescentes em sua vida cotidiana, excluindo os contextos escolares e de trabalho, embora reconheçamos a importância destes dentro do cotidiano. Conforme as definições formuladas por Wilson (2000) e outros (CASE, 2007; FISHER; ERDELEZ; MCKECHNIE, 2005; FISHER; JULIEN, 2009; PETTIGREW; FIDEL; BRUCE, 2001), o comportamento informacional abrange a totalidade do comportamento humano em relação à informação. Baseados nesta definição, o entendemos como a totalidade das ações realizadas pelos indivíduos em qualquer contexto quando lidando com informação. Neste artigo, doravante estas “ações” serão referidas como “ações informacionais”, similar ao uso dado, por exemplo, em Harlan, Bruce e Lupton (2014).

No contexto do comportamento informacional, identificamos muitas destas ações informacionais, mas existe um conjunto principal formado por algumas ações que são mais comumente pesquisadas e reconhecidas, conjunto este que investigamos no estudo. Referimo-nos àquelas identificadas pelos verbos buscar, acessar, usar, compartilhar e avaliar. Destas, por motivos operacionais e de espaço, apresentamos neste artigo apenas os resultados referentes ao acesso à informação.

A pesquisa em comportamento informacional tomou forças na década de 50, focando nas atividades de busca pela informação de especialistas e profissionais (predominantemente advogados, médicos, dentistas e enfermeiros) e, sobretudo, de cientistas. Gerou uma proliferação de modelos de comportamento, que, ao longo dos anos, têm sido aplicados numa grande variedade de campos e setores da população. Porém, pesquisas que têm como sujeitos os adolescentes ainda têm grande potencial para crescimento. Exemplos de pesquisas com adolescentes neste paradigma metodológico têm estudado como meninas adolescentes buscam a informação sobre saúde (TODD, 1999), ou informação sobre carreiras (JULIEN, 1999)

e as necessidades diárias de informação de adolescentes urbanos (AGOSTO, 2011). Em geral, elas têm identificado como jovens e adolescentes reconhecem outras pessoas como mediadores e fontes de informação na sua vida cotidiana, sendo que essa faixa etária tem a tendência de contar fortemente com as pessoas nas quais confiam, mais do que em fontes de informação tradicionais disponíveis em bibliotecas ou na Internet (AGOSTO; HUGHES-HASSELL, 2005; MEYERS; FISHER; MARCOUX, 2009; SHENTON; DIXON, 2003a).

Entendemos que uma pesquisa de Comportamento Informacional com adolescentes se justifica pela importância destes indivíduos enquanto pertencentes a uma fase transitória, entre a infância e a vida adulta, na qual se desenvolvem muitos dos hábitos, comportamentos, gostos e idiossincrasias que os acompanharão pelo resto da vida. Justifica-se também pela sua baixa representação em pesquisas da área, bem como pelo objetivo de abrir caminho para o posterior desenvolvimento de mais pesquisa nesta temática.

Um dos fatores que nos convenceu da relevância deste tema de pesquisa foi a sondagem inicial realizada ainda na fase de elaboração do projeto, na qual verificamos que a incidência de pesquisas sobre o comportamento informacional de adolescentes é menor se comparada ao total de pesquisas sobre Comportamento Informacional, tanto nacionalmente quanto internacionalmente. Uma busca realizada na base *Scopus*, por exemplo, com os termos <"*Information Behaviour*" or "*Information Behaviour*" retornou 1099 entradas no total, com sete sobre adolescentes. A *Science Direct* apresentou um cenário um pouco melhor, com 1461 resultados e 46 deles sobre adolescentes. É bom ressaltar que muitas vezes o material encontrado está atrelado a alguma outra característica ou temática, como por exemplo, bibliotecas escolares ou jovens em situação de vulnerabilidade social, ou pertencentes a algum outro segmento social específico, mas dificilmente segmentados apenas pela questão etária.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Revisão Bibliográfica**

Desde suas origens até agora, muito foi escrito, reescrito e revisado sobre o campo e sobre o que seria Comportamento Informacional. Conceitualmente, neste trabalho, seguimos a linha da definição dada por Wilson em 2000, que define comportamento informacional como “[...] a totalidade do comportamento humano em relação a fontes e canais de informação, incluindo as formas ativa e passiva de busca e uso da informação” (WILSON, 2000,

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB

2017 23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

p. 49 tradução nossa). Esta definição, além de coadunar com a nossa linha de pesquisa e pensamento, também é altamente reconhecida e reproduzida como conceito pela literatura da área (CASARIN; OLIVEIRA, 2012; CASE, 2007; GASQUE; COSTA, 2010; MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007; MATTA, 2012; PETTIGREW; FIDEL; BRUCE, 2001; SIGOLO, 2012; SILVA, 2010; SPINK; COLE, 2006; WELLICHAN, 2015, entre outros). Retomaremos esta definição mais à frente. Cabe notar também, a formulação proposta anteriormente por Wilson que definia comportamento informacional como aquelas atividades nas quais uma pessoa se engaja quando está identificando suas necessidades de informação, buscando tal informação em diversas maneiras, e usando ou transferindo essa informação (WILSON, 1999, tradução nossa).

Pettigrew, Fidel e Bruce (2001), apesar de concordarem com esta definição dada por Wilson, formulam a definição de comportamento informacional de uma forma ligeiramente diferente. Para os autores, comportamento informacional significaria como as pessoas precisam, buscam, dão, e usam informação em diferentes contextos, incluindo as situações de trabalho e da vida cotidiana (PETTIGREW; FIDEL; BRUCE, 2001, p. 44, tradução nossa). Embora também pudéssemos usar esta definição, a consideramos potencialmente restritiva, pois abrange apenas quatro das atividades relacionadas à informação passíveis de serem realizadas por seres humanos, enquanto a formulação de Wilson se refere explicitamente à totalidade comportamento humano relacionado à informação.

Fisher, Erdelez e McKechnie, além de concordarem com a definição dada por Wilson (2000), também aceitam a definição dada por Pettigrew, Fidel e Bruce (2001), embora proponham sua própria formulação: para elas, comportamento informacional inclui como as pessoas precisam, buscam, gerenciam, dão e usam informação em diferentes contextos (2005, tradução nossa). Fisher mais tarde revê este conceito, e junto com Julien, ressalta que estas atividades podem ser tanto propositais ou passivas, e serem desempenhadas nos vários papéis exercidos na vida cotidiana das pessoas (FISHER; JULIEN, 2009).

Dado que este campo de pesquisa (Comportamento Informacional) é nomeado seguindo seu principal conceito, pode-se dizer que ele examina como e se, as pessoas buscam, interagem (ou não interagem), e usam a informação em diferentes situações. Case (2007, tradução nossa) vai mais além e afirma que comportamento informacional inclui busca proposital por informação; encontro fortuito de informação; e o fornecimento, compartilhamento, e uso de informação, o que está de acordo com essa última definição dada por Fisher e Julien (2009). Retomando o conceito de Wilson mencionado anteriormente,

temos que o comportamento informacional do indivíduo se constitui de tudo o que ele faz relacionado à informação, isto é, quais ações ele realiza quando lida com informação.

Assim, no escopo do estudo aqui relatado, e levando em consideração os pontos mencionados acima, entendemos comportamento informacional como a totalidade das ações realizadas em qualquer contexto pelos indivíduos em relação à informação, sejam estas ativas ou passivas, propositais ou não, e conscientes ou inconscientes. Esta formulação atende às necessidades operacionais deste trabalho e reconhece as formulações dos autores mencionados anteriormente, consideradas chave para o campo do Comportamento Informacional. Ressaltamos que dentre a totalidade de ações que perfazem o comportamento informacional, neste trabalho, por conta de limitações metodológicas e de escopo, nos prenderemos a um subconjunto de ações que consideramos principais: buscar, acessar, usar, avaliar e compartilhar.

O comportamento informacional em um contexto da vida cotidiana pode ser chamado comportamento informacional cotidiano, ou no inglês *Everyday Life Information Behaviour*. Embora o cotidiano (ou *everyday life*) inclua atividades escolares ou de trabalho, dado que estes aspectos de certa forma fazem parte do dia-a-dia dos indivíduos, concordamos com Laplante e Downie (2006), Meyers, Fisher e Marcoux (2007) e Savolainen (1995) na restrição de seu significado a atividades não relacionadas com trabalho ou estudos, visto que há pesquisas focadas justamente nestas atividades ditas “sérias” ou comprometidas.

Os trabalhos de Brenda Dervin contribuíram massivamente para o fortalecimento do campo de Comportamento Informacional, mas também foram instrumentais para o estabelecimento do que hoje conhecemos como *Everyday Life Information Behaviour* (WILDEMUTH; CASE, 2010). Para a proposta do campo, é relevante a escolha por Dervin de cidadãos comuns para o estudo das atividades de *sensemaking* no contexto da vida cotidiana, no que ela chama de situações da vida real (*real life situation*), e não necessariamente em contextos estruturados por uma tarefa bem delimitada (DERVIN, 1983). Pelas mesmas razões, a importância dos trabalhos de Elfreda Chatman não pode ser negligenciada e sua influência é reconhecida por vários autores (COURTRIGHT, 2007?; JULIEN, 1999?; MEYERS; FISHER; MARCOUX, 2007; WELLICHAN, 2015; WILDEMUTH; CASE, 2010).

A partir dos estudos destes autores basilares surge, a partir de meados da década de noventa, uma nova agenda de pesquisa baseada no comportamento informacional da vida cotidiana. A princípio focava-se apenas no subsegmento de busca de informação, mais tarde

se expandindo para o comportamento informacional como um todo. Um dos seus principais expoentes, Savolainen, propôs o conceito de *Everyday life information seeking* ou simplesmente, pela sigla, ELIS (1995), no qual o foco é a busca pela informação para finalidades não relacionadas ao trabalho ou escola/universidade. Ele define esta busca de informação da vida cotidiana, como se referindo à aquisição de vários elementos informativos (tanto cognitiva e expressiva), que as pessoas empregam para orientar-se na vida diária ou para resolver problemas que não estão diretamente relacionados com o desempenho de tarefas ocupacionais (SAVOLAINEN, 1995, p. 266, tradução nossa).

Para Savolainen, o *Everyday life information seeking* tem como objetivo o “domínio da vida” (*mastery of life*) via a resolução de problemas, para a qual será necessária a informação. *Mastery of life* seria a manutenção desta ordem das coisas pelos indivíduos, dado que esta não se reproduz automaticamente, e está associada com a resolução pragmática de problemas (SAVOLAINEN, 1995). O autor depura esta definição ao dizer que *Mastery of life* seria o estar preparado para abordar os problemas cotidianos de certas formas que estejam de acordo com os valores do indivíduo. Nesse contexto, a busca pela informação é fundamental na *Mastery of life*, cujo objetivo é eliminar a dissonância contínua entre “como as coisas estão” e “como as coisas deveriam estar” (SAVOLAINEN, 1995).

Foi notado que a pesquisa em Comportamento Informacional, abordando adolescentes é incipiente (AGOSTO, 2011; AGOSTO; HUGHES-HASSELL, 2005, p. 142, 2006, p. 1418; CASE, 2012, p. 355; MEYERS; FISHER; MARCOUX, 2009, p. 301; SHENTON, 2004, p. 69; SHENTON; DIXON, 2003b, p. 1029, 2004, p. 177–178). É muito mais comum em *Information Literacy* e afins. E em se tratando de Comportamento Informacional Cotidiano, ainda mais. A maioria das pesquisas lida com recortes específicos à vida escolar ou profissional, ou mesmo questões de saúde. Em geral, elas têm identificado como jovens e adolescentes usam outras pessoas como mediadores e fontes da informação na sua vida cotidiana, sendo que essa faixa etária tem a tendência de depender fortemente nas pessoas em que confiam mais do que em fontes de informação mais tradicionais disponíveis em bibliotecas ou na Internet (AGOSTO; HUGHES-HASSELL, 2005; MEYERS; FISHER; MARCOUX, 2009; SHENTON; DIXON, 2003a).

## **2.2 Metodologia**

Dentre as possíveis configurações para uma *survey*, adotamos questionário estruturado como ferramenta de coleta de dados. A escolha do questionário estruturado se

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB

2017 23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

deu por sua adequação ao caráter *online* desta pesquisa, pois permite automatização de variações na estrutura mediante o uso de lógica, quando necessário (RITTER; SUE, 2007, p. 8). Quanto aos momentos de coleta, utilizamos um corte transversal, isto é, o questionário foi respondido uma vez por cada participante, pois não há interesse no momento de realizar medidas longitudinais, dado o escopo (mestrado) e os objetivos desta pesquisa.

Algumas das mesmas vantagens atribuídas à metodologia *survey* são atribuídas à utilização de ferramentas *online* de coleta de dados, tais como economia de recursos, e principalmente, para nós, o maior alcance geográfico, ademais da redução na quantidade de erros de preenchimento, além de esta ferramenta permitir estudar populações difíceis de alcançar, tais qual a população em questão neste estudo, sem contar o fator de distanciamento social entre pesquisador e respondente, possibilitando respostas mais sinceras (RITTER; SUE, 2007; WHARTON *et al.*, 2003; WHITEHEAD, 2007). Por essas razões, entendemos que tais vantagens são combinadas, fazendo do ambiente digital *online* um lugar adequado para coletar dados sobre adolescentes.

Associada às ferramentas apresentadas acima, utilizamos a técnica do incidente crítico. Resumidamente, pode-se dizer que a técnica consiste em estudar algum fato recente e relevante do qual um sujeito possa fazer um relato em detalhe dos acontecimentos, para posteriormente se analisar conjuntamente os dados obtidos de todos os sujeitos (CALVA GONZÁLEZ, 2006), de forma a obter uma perspectiva mais abrangente do cenário pesquisado.

O questionário finalizado foi disponibilizado *online* na Internet, utilizando a plataforma *Limesurvey*. Os convites foram colocados em comunidades e grupos nas quais o público-alvo pudesse ser encontrado com maior facilidade e também foram enviados convites pessoais para sujeitos com perfis diversos, que permitissem um conjunto variado de respondentes. Utilizamos para tal a rede social que consideramos que melhor se enquadrava aos nossos objetivos, permitindo um melhor alcance dos sujeitos alvos, no caso o *Facebook*. Os respondentes foram incentivados a compartilhar o questionário em qualquer rede social que quisessem utilizar. Dado a baixa taxa de retorno obtida através dos convites via rede social, decidimos contatar colegas bibliotecários e pesquisadores para que fizessem o convite pessoalmente aos adolescentes de suas unidades de informação (bibliotecas escolares, em sua maioria), ressaltando o caráter voluntário do mesmo. Finalmente, este último método nos permitiu obter um número de respostas suficientes para a realização do estudo.



Após esta última fase, foram cortadas algumas respostas, primeiramente aquelas cujos respondentes não se enquadravam na faixa etária definida para a realização da pesquisa. Ademais, foram cortadas as respostas incompletas, e para garantir a integridade dos dados obtidos, e foram cortadas também aquelas cujo tom jocoso evidenciava falta de seriedade por parte do respondente, que diminuía a credibilidade das respostas. Assim, o total foi reduzido a 158 respostas válidas.

Em termos de gênero, a amostra ficou dividida de forma aproximadamente equitativa, com 55,1% de respondentes se identificando como pertencentes ao gênero masculino, e 44,9% ao gênero feminino. Quanto à idade, a maioria dos respondentes (87,3%) declarou-se na faixa entre 12 e 16 anos. A idade com maior representação na amostra é a dos 12 anos, com 30% dos respondentes. Em seguida, a dos 14 anos, com 22,7%, e depois as dos 15 (14,7%) e a dos 13 e 16, com 10% cada uma. As demais idades alcançaram no máximo 4% cada uma. A média de idade é 14 anos, bem como a mediana. Têm até 15 anos, 78% dos respondentes, e até 16 anos 87,3% dos respondentes.

Como reflexo da distribuição etária dos respondentes, a maioria absoluta (93,7%) dos mesmos afirmou estar cursando entre o sétimo ano do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio. Apenas um respondente afirmou estar cursando o sexto ano do ensino fundamental, e três afirmaram já estar na Universidade. Apenas 3,2% dos respondentes afirmou estar cursando algum tipo de curso técnico.

### **2.3 Resultados**

Após o primeiro bloco do questionário, cujas perguntas tentavam traçar um perfil sócio-demográfico dos respondentes, os blocos seguintes tinham como objetivo levantar dados que permitissem caracterizar e descrever o comportamento informacional dos adolescentes. As perguntas estavam divididas para análise em blocos temáticos, relativos às principais ações informacionais, sendo que neste artigo nos concentramos apenas no acesso. Devido ao caráter exploratório e descritivo deste trabalho bem como à característica aberta da maioria das questões, a análise consiste principalmente da descrição das distribuições das respostas dadas pelos adolescentes, com comentários quando necessário ou possível.

O bloco temático que analisaremos neste artigo é o que se centra na ação informacional “acessar informação”, isto é, como os adolescentes descrevem seu acesso à informação que eles buscavam. Note-se que por conta da metodologia utilizada, não podemos

afirmar categoricamente que de fato esta é forma com qual se dá o acesso, mas apenas qual é a forma que os respondentes afirmam ser. Nesse sentido, entendemos que apenas metodologias experimentais poderiam afirmar com reduzido grau de incerteza quais são de fato as formas com as quais se dá o acesso à informação. Novamente, nosso objetivo aqui é apenas caracterizar e descrever o que os adolescentes afirmam ser sua forma de acesso à informação que procuravam.

Um dos objetivos desta pesquisa foi testar até que ponto a ideia de que esta geração conta fortemente com a conectividade providenciada pela Internet para obter informação tem fundamento. Entendemos que os resultados confirmam suficientemente esta hipótese. A maioria absoluta (94,3%) afirmou ter encontrado na Internet a informação que estavam procurando. A grande maioria (86,1%) também admitiu usar costumeiramente seus telefones celulares para obter informação. Combinados estes fatores, não nos resta dúvida em considerar como confirmada esta hipótese, e entendemos que futuras pesquisas tenderão a repetir nosso achado nesta matéria, independente de métodos e amostragens, pois dada a alta porcentagem de adolescentes que mostraram sua confiança na Internet como provedora de informação, acreditamos serem muito baixas as chances de que outros estudos venham a negar tal hipótese.

Dentre tais respondentes que afirmaram terem usado a Internet como fonte de informação, a forma de acesso mais comum foi o computador (54,5%). Embora o senso comum nos ditasse que provavelmente a forma de acesso predominante entre adolescentes fosse o celular, esta hipótese não se confirmou. Apesar disso, o celular como forma de acesso à Internet (e portanto, à informação), ficou em segundo lugar na preferência dos adolescentes, com 39,9% dos respondentes indicando seu uso. Dado o caráter sincrônico desta pesquisa, não podemos apontar uma tendência de aumento do seu uso ou o contrário. Outras formas de acesso à informação tiveram pouca expressão. Apenas 3,2% dos respondentes afirmaram ter conversado com alguém para obter informação. Já a leitura de materiais impressos ficou ainda mais abaixo, pois apenas 2,5% disseram ter usado este tipo de fonte, com 1,3% indicando a leitura de livros para encontrar a informação, e 0,6% para a leitura de revistas e também para a leitura de jornais.

Mesmo por conta desse uso massivo da Internet como fonte de informação, a hipótese de que os adolescentes preferem significativamente usar outras pessoas como fonte de informação não se confirmou neste estudo. Vários estudos (AGOSTO; HUGHES-HASSELL, 2005;

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB

2017 23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

MEYERS; FISHER; MARCOUX, 2009; SHENTON, 2004; SHENTON; DIXON, 2003a) anteriores apontaram o fato de que adolescentes e jovens têm a tendência a usar pessoas como fontes de informação. Contudo, nossos resultados não confirmaram essa hipótese, principalmente a parcela massiva dos respondentes que afirmaram usar a Internet para recuperar informação. Uma parcela ínfima (3,2%) dos respondentes afirmou ter obtido a informação através de uma conversa com alguém. Porém, é importante ressaltar que esta hipótese tampouco foi rejeitada, e dado que a Internet também pode ser usada para conversar com pessoas, acreditamos que futuros estudos podem testar a validade da hipótese. Também cabe notar que dada a velocidade com que a Internet provoca mudanças no comportamento social, e a idade dos estudos mencionados, não seria surpreendente que a hipótese simplesmente tenha deixado de ser verdadeira, o que mais uma vez aponta para a relevância de futuros estudos nesta direção.

Esta hipótese sobre o uso de outras pessoas como fonte de informação foi formulada com base nos vários estudos que mostravam essa tendência (AGOSTO; HUGHES-HASSELL, 2005; MEYERS; FISHER; MARCOUX, 2009; SHENTON; DIXON, 2003a). Contudo, dada a idade desses estudos, e a velocidade com que a Internet provoca mudanças comportamentais, ademais do advento dos telefones celulares do tipo *smartphone*, já de princípio conjecturávamos que o cenário prévio não fosse mais válido, o que acabou se confirmando com os resultados encontrados. Entendemos que a universalização do acesso à Internet via celular é fortemente responsável por este novo cenário. Um 86,1% dos respondentes admitiu terem o hábito de usar o celular para obter informação, e 39,9% admitiram estar usando o celular para acessar a Internet ao realizar a busca descrita no questionário. Não podemos afirmar que todo uso do celular para obter informação seja usando a Internet, mas esses dois percentuais combinados indicam que a ampla maioria usa costumeiramente o celular para acessar a Internet. Da mesma forma, porém, não podemos abandonar totalmente a hipótese do uso de outras pessoas como fonte de informação, dado que assim como o celular pode ser usado para conversar com alguém e obter informações, da mesma forma a Internet pode ser usada para uma conversa. Recomendamos que em futuros estudos, sempre que possível, o uso da Internet como fonte de informação e como forma de comunicação para acessar pessoas que serão usadas como fontes.

Quando analisamos as justificativas dadas pelos respondentes quanto a suas escolhas de formas de acesso, emergem da categorização alguns motivos bastante comuns, seguidos

de vários outros não tão frequentes. Grande parte das justificativas (26,6%) diz respeito à facilidade do uso da forma de acesso. Outra justificativa muito comum (20,3%) foi que se usou determinada forma de acesso porque era o que se tinha disponível no momento. As outras duas categorias de respostas dadas frequentemente envolviam razões de praticidade (15,2%) ou velocidade (12%). Acessibilidade também foi usada como justificativa, embora com menos frequência, apenas 7%. Outras categorias de respostas foram citadas por entre 0,6% e 2,5% dos respondentes.

Se cruzarmos essa pergunta com a forma de acesso utilizada, especificamente para as respostas que envolvem o uso da Internet, dado que outras fontes não tiveram respostas suficientes para tal cruzamento, temos a confirmação de algumas hipóteses. Ambas formas de acesso obtiveram percentuais significativos de respondentes apontando a facilidade como a principal justificativa. Os usuários de computador citaram mais frequentemente esta justificativa (27,9%), mas os respondentes que preferiram o celular também justificaram desta forma de maneira significativa (25,4%). As diferenças mais significativas vieram a confirmar nossas hipóteses prévias. Entre os usuários de Internet no computador, 26,7% apontaram que usaram essa forma de acesso porque era o que tinham disponível no momento, contra apenas 12,7% dos usuários de celular afirmando o mesmo. Já estes deram mais justificativas baseadas na praticidade do acesso via celular, com 28,6% contra 5,8% dos usuários de computador. Talvez como reflexo desta visão de praticidade do celular, os usuários desta forma de acesso também apontaram fortemente a velocidade como razão para escolha (19%, contra 8,1%). Os usuários de computador ainda apontaram com frequência a acessibilidade como razão de escolha (9,3%). Resumidamente, este cruzamento confirma que os usuários de computador preferem este acesso por razões de facilidade e acessibilidade, mas grande parte deles apenas usa porque é o que estava disponível no momento, enquanto os usuários de celular são fortemente influenciados pela praticidade de acessar informação sob demanda, com velocidade e facilidade como bônus.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta deste estudo era investigar o comportamento informacional de adolescentes em suas vidas cotidianas, em uma abordagem exploratória e descritiva, identificando, neste artigo, como adolescentes acessam informação. Para tanto, buscamos identificar quais são os métodos utilizados e as dificuldades encontradas por adolescentes no

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB

2017 23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

acesso às fontes informacionais, de forma a descrever acuradamente seu comportamento informacional cotidiano no que diz respeito a este aspecto.

Nossos resultados parecem confirmar a hipótese de que a principal forma de acesso à informação é através da Internet. E o principal meio de acesso a esta é o computador, mas quando podem escolher, os adolescentes preferem usar o celular, o que nos permite prever que dada a evolução tecnológica das redes de dados móveis, e a expansão do acesso a dispositivos portáteis (smartphones e tablets), estes se tornarão a plataforma preferida de acesso à informação em um futuro próximo.

Outro resultado interessante foi a não confirmação da hipótese de que os adolescentes usam outras pessoas como fonte de informação de forma significativa, provavelmente por conta da expansão do acesso à Internet, e mesmo por conta dos respondentes não perceberem que muitas vezes a rede é apenas uma forma de acesso a pessoas que têm a informação da qual necessitam.

Esperamos que este artigo possa servir de base ou apoio para outras pesquisas sobre o assunto no futuro, contribuindo para a construção colaborativa do conhecimento científico e o avanço deste campo de estudos.

### AGRADECIMENTOS

O autor gostaria de agradecer à Capes pelo apoio durante a elaboração da pesquisa.

### REFERÊNCIAS

AGOSTO, D. E. Young adults' Information Behavior: what we know so far and where we need to go from here. **Journal of Research on Libraries and Young Adults**, v. 2, n. 1, 2011.

AGOSTO, D. E.; HUGHES-HASSELL, S. People, places, and questions: An investigation of the everyday life information-seeking behaviors of urban young adults. **Library and Information Science Research**, v. 27, n. 2, p. 141–163, 2005.

AGOSTO, D. E.; HUGHES-HASSELL, S. Toward a model of the everyday life information needs of urban teenagers, Part 2: Empirical model. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 57, n. 11, p. 1418–1426, set. 2006.

CALVA GONZÁLEZ, J. J. **Las necesidades de información: fundamentos teóricos y métodos**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

CASARIN, H. D. C. S.; OLIVEIRA, E. S. DE. O uso da informação no âmbito acadêmico: o comportamento informacional de pós-graduandos da área de educação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 17, n. esp. 1, p. 169–187, 24 ago. 2012.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB**

**2017 23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

CASE, D. O. Information behavior. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 40, n. 1, p. 293–327, 28 set. 2007.

CASE, D. O. **Looking for Information**. 3. ed. Bingley: Emerald, 2012.

COURTRIGHT, C. Context in information behavior research. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 41, n. 1, p. 273–306, 2007.

DERVIN, B. An overview of Sense-making research: concepts, methods, and results to date. **International Communication Association Annual Meeting**, 1983.

FISHER, K. E.; ERDELEZ, S.; MCKECHNIE, L. Preface. In: FISHER, K. E.; ERDELEZ, S.; MCKECHNIE, L. (Eds.). **Theories of Information Behavior**. Medford: Information Today, 2005. p. xix–xxii.

FISHER, K. E.; JULIEN, H. Information behavior. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 43, n. 1, p. 1–73, 2009.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. D. S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 1, p. 21–32, 2010.

HARLAN, M. A.; BRUCE, C.; LUPTON, M. Creating and sharing: Teens' information practices in digital communities. **Information Research**, v. 19, n. 1, 2014.

JULIEN, H. E. Barriers to adolescents' Information Seeking for career decision making. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 1, p. 38–48, 1999.

LANZI, L. A. C. et al. Tecnologias de Informação e Comunicação no cotidiano dos adolescentes: enfoque no comportamento e na competências informacionais da “geração Google”. **Informação & Informação**, v. 17, n. 3, p. 49–75, 11 jan. 2012.

LAPLANTE, A.; DOWNIE, J. S. Everyday life music information-seeking behaviour of young adults. **Proceedings of the Seventh International Conference on Music Information Retrieval (ISMIR)**, p. 381–382, 2006.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, M.; ODDONE, N. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, v. 36, n. 2, p. 118–127, 2007.

MATTA, R. O. B. **Aplicação do modelo transteórico de mudança de comportamento para o estudo do comportamento informacional de usuários de informação financeira pessoal**. [s.l.] Universidade Estadual Paulista, 2012.

MEYERS, E. M.; FISHER, K. E.; MARCOUX, E. Studying the everyday information behavior of tweens : Notes from the field. **Library & Information Science Research**, v. 29, p. 310–331, 2007.

MEYERS, E. M.; FISHER, K. E.; MARCOUX, E. Making Sense of an Information World: The Everyday Life Information Behavior of Preteens. **Library Quarterly: Information, Community, Policy**, v. 79, n. 3, p. 301–341, 2009.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB**

**2017 23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

PETTIGREW, K. E.; FIDEL, R.; BRUCE, H. Conceptual Frameworks in information behavior. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 35, p. 43–78, 2001.

RITTER, L. A.; SUE, V. M. Introduction to using online surveys. **New Directions for Evaluation**, v. 2007, n. 115, p. 5–14, jan. 2007.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: Approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & Information Science Research**, v. 17, n. 3, p. 259–294, jun. 1995.

SAVOLAINEN, R. Everyday Life Information Seeking. In: FISHER, K. E.; ERDELEZ, S.; MCKECHNIE, L. (E. F. . (Eds.). . **Theories of Information Behavior**. Medford: Information Today, 2005. p. 143–148.

SHENTON, A. K. Young people’s use of non-fiction books at home: Results of a research project. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 36, n. 2, p. 69–78, 1 jun. 2004.

SHENTON, A. K.; DIXON, P. Youngsters’ Use of Other People as an Information-Seeking Method. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 35, n. 4, p. 219–233, 2003a.

SHENTON, A. K.; DIXON, P. A comparison of youngsters’ use of CD-ROM and the internet as information resources. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 54, n. 11, p. 1029–1049, 2003b.

SHENTON, A. K.; DIXON, P. Issues arising from youngsters’ information-seeking behavior. **Library & Information Science Research**, v. 26, p. 177–200, 2004.

SIGOLO, B. DE O. O. **Comportamento Informacional de cirurgiões-dentistas: um estudo junto a ortodontistas da cidade de São Paulo**. [s.l.] Universidade Estadual Paulista, 2012.

SILVA, M. V. DA. **O Comportamento Informacional de advogados: um estudo com profissionais que atuam na cidade de marília e região**. [s.l.] Universidade Estadual Paulista, 2010.

SPINK, A.; COLE, C. Human information behavior: Integrating diverse approaches and information use. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 57, n. 1, p. 25–35, 1 jan. 2006.

TODD, R. J. Utilization of heroin information by adolescent girls in Australia: A cognitive analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 1, p. 10–23, 1999.

WELLICHAN, D. DA S. P. **Comportamento Informacional de profissionais no domínio da saúde: um estudo junto ao Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo**. [s.l.] Universidade Estadual Paulista, 2015.

WHARTON, C. M. et al. PCs or paper-and pencil:online surveys for data collection. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 103, n. 11, p. 1458, 1460, 2003.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB**

**2017 23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

WHITEHEAD, L. C. Methodological and ethical issues in Internet-mediated research in the field of health: An integrated review of the literature. **Social Science & Medicine**, v. 65, n. 4, p. 782–791, ago. 2007.

WILDEMUTH, B. M.; CASE, D. O. Early Information Behavior Research. **Bulletin of the ASIST**, v. 36, n. 3, p. 35–38, 2010.

WILSON, T. D. Models in Information Behaviour Research. **Journal of Documentation**, v. 55, n. 3, p. 249–270, 1999.

WILSON, T. D. Human information behavior. **Informing Science**, v. 3, n. 2, p. 49–55, 2000.